

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO – LINHA DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM
COMÉRCIO EXTERIOR**

KARINA LUIZ MACAN

A DINÂMICA E AS PERSPECTIVAS DOS NEGÓCIOS COM O ORIENTE MÉDIO

CRICIÚMA

2018

KARINA LUIZ MACAN

A DINÂMICA E AS PERSPECTIVAS DOS NEGÓCIOS COM O ORIENTE MÉDIO

Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração Linha de Formação Específica em Comércio Exterior da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Msc. Julio Cesar Zilli

CRICIUMA

2018

KARINA LUIZ MACAN

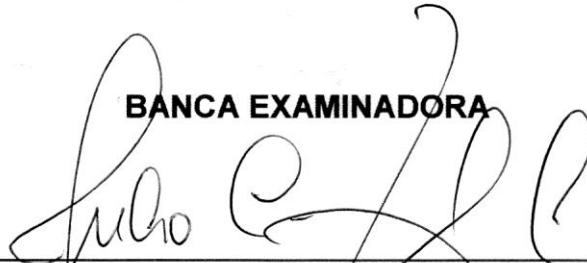
A DINÂMICA E AS PERSPECTIVAS DOS NEGÓCIOS COM O ORIENTE MÉDIO

Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração - Linha de Formação Específica em Empresas da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Msc. Julio Cesar Zilli

Criciúma, 03 de Dezembro de 2018.

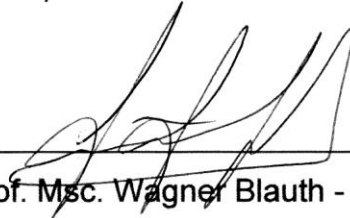
BANCA EXAMINADORA



Prof. Msc. Julio Cesar Zilli – Mestre - Orientador



Prof. Msc. Izabel Regina de Souza - Mestre - UNESC



Prof. Msc. Wagner Blauth - Mestre -UNESC

CRICIÚMA

2018

DEDICATÓRIA

À minha querida mãe que sempre me incentivou a continuar estudando apesar de todas as dificuldades que surgiram durante esta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me proporcionar discernimento para escolher a profissão certa, por ter me aberto portas à tantas oportunidades, até quando cheguei a pensar que elas já não existiriam mais.

Agradeço também à minha mãe por ter me oferecido o suporte necessário para continuar na caminhada em busca de uma formação acadêmica e por ter me incentivado a não desistir dos meus objetivos quando eu mais precisei.

Ao meu querido Professor orientador Msc. Júlio César Zilli registro o meu muito obrigado pelo apoio e orientações para a finalização deste estudo. Eis meu “bruxo”.

E por fim, agradeço ao suporte de todos os professores que passaram pela minha jornada de estudante, incentivando e ensinando o valor do aprendizado e conhecimento.

RESUMO

88513. **A dinâmica e as perspectivas dos negócios com o Oriente Médio.** 2018. 55 páginas. Monografia do Curso de Administração – Linha de Formação Específica em Comércio Exterior, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

O comércio exterior é caracterizado pelas transações comerciais efetuadas por meio de negociações entre dois ou mais países. Neste universo internacional destaca-se o Oriente Médio, uma importante região petrolífera do planeta e com grandes parceiros comerciais. Diante disso, o estudo objetivou identificar a dinâmica e perspectivas dos negócios com o Oriente Médio visando apresentar possíveis oportunidades a serem potencializadas pelo Brasil. Metodologicamente, a pesquisa caracterizou-se por abordagem de natureza qualitativa e quantitativa, utilizando-se de uma pesquisa descritiva, bibliográfica e documental. Delimitou-se como a área de estudo o mercado do Oriente Médio no âmbito global bem como a sua relação com o Brasil. Ademais, a pesquisa se deu por meio de coleta dados secundários e observação indireta para análises e conclusões. Verificou-se que o Oriente Médio importa uma diversidade maior de produtos, além dos que tem comercializado com o Brasil no período de 2007 e 2017, o que foi identificado como oportunidade a ser potencializada neste contexto de estudo. Também foi verificado que em contrapartida, as importações foram bem exploradas nos últimos 10 anos sem lacunas aparentes para serem identificadas como oportunidades de negócio.

Palavras-chave: Oriente Médio. Brasil. Importação. Exportação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Balança comercial do Oriente Médio.....	30
Figura 2 - Balança Comercial Brasil x Oriente Medio (2007-2017).....	34
Figura 3 - Corrente de comércio entre Brasil e Oriente Médio (2007 – 2017)	35
Figura 4 - Exportações brasileiras por fator agregado ao Oriente Médio.....	36
Figura 5 - Exportações brasileiras por fator agregado ao Oriente Médio.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro de informações econômicas dos Emirados Árabes Unidos	10
Quadro 2 - Quadro de informações econômicas do Catar.....	13
Quadro 3 - Quadro de informações econômicas da Arábia Saudita	16
Quadro 4- Quadro de informações econômicas da Israel.....	19
Quadro 5 - Quadro de informações econômicas do Kuwait.....	22
Quadro 6 - Quadro de informações econômicas de Bahrein	24
Quadro 7 - Participação do Oriente Médio na Balança Comercial Mundial (2017) ...	30
Quadro 8 - Produtos exportados pelo Oriente Médio em 2017.....	31
Quadro 9 - Produtos importados pelo Oriente Médio em 2017	32
Quadro 10 - Participação por país na Balança Comercial Brasileira (2007-2017)	34
Quadro 11 - Produtos exportados pelo Brasil ao Oriente Médio em 2017	37
Quadro 12 - Produtos importados pelo Brasil ao Oriente Médio em 2017	38
Quadro 13 - Exportações brasileiras por fator agregado ao Oriente Médio	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA	2
1.2 OBJETIVOS	3
1.2.1 Objetivo geral	3
1.2.2 Objetivos específicos	3
1.3 JUSTIFICATIVA.....	3
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
2.1 MERCADOS INTERNACIONAL – ASPECTOS HISTÓRICOS E GLOBAIS.....	5
2.2 O ORIENTE MÉDIO NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	8
2.2.1 Emirados Árabes Unidos	8
2.2.2 Catar	11
2.2.3 Arábia Saudita	14
2.2.4 Israel	17
2.2.5 Kuwait	20
2.2.6 Bahrein	23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	26
3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO ALVO	27
3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS.....	27
3.4 PLANO DE ANÁLISE DE DADOS.....	28
4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	29
4.1 BALANÇA COMERCIAL DO ORIENTE MÉDIO E O MERCADO INTERNACIONAL...	29
4.2 COMERCIALIZAÇÃO ENTRE O ORIENTE MÉDIO E O MERCADO INTERNACIONAL	30
4.3 BALANÇA COMERCIAL DO BRASIL COM O ORIENTE MÉDIO	33
4.4 COMERCIALIZAÇÃO ENTRE O BRASIL E O ORIENTE MÉDIO	36
4.5 PERSPECTIVAS ENTRE O BRASIL E O ORIENTE MÉDIO	39
5 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

A abertura dos portos brasileiros em 1808 proporcionou ao Brasil a sua inserção no mercado internacional, propiciando maior interação e incrementando as relações comerciais entre as empresas brasileiras e as do mercado externo (FOSCHETE, 2001).

O principal motivo pelo qual o comércio internacional passou a existir é devido à ausência de autossuficiência dos países. Por exemplo, nenhum país está apto a produzir tudo o que a sua população pode consumir, isto significa que o ponto principal não é o que se é capaz de produzir, mas sim o que se pode consumir (FOSCHETE, 2001). Partindo desta premissa, no comércio internacional tende-se a exportar o que se tem mais recursos para produção e importar o necessário por um preço onde já esteja incluso o know-how, fatores de produção e tecnologia, que o país que demanda o produto ou serviço não possui (MAIA, 2003).

Segundo Adam Smith (1776) e David Ricardo (1817), economistas sempre viram o livre comércio como fonte de ganhos de riquezas e bem-estar. O câmbio voluntário de commodities induz favoravelmente padrões de especialização e, portanto, leva a uma melhoria na divisão do trabalho internacional. Partindo do princípio de que cada país é conduzido a utilizar sua vantagem comparativa e produzir o que mais se tem eficiência, a produção global aumenta e os ganhos do comércio para todos os países também. A visão otimista do livre comércio tem sido desafiada, tanto pela teoria política econômica convencional, como pelos defensores da teoria da dependência, mas levando em conta algumas exceções à regra, a maioria dos economistas aceita a validade geral deste princípio (KRUGMAN, 1987).

Em uma economia aberta ao comércio exterior, as possibilidades de consumo de um país são infinitas, o que faz com que sempre surjam oportunidades e demandas de diferentes segmentos. Tendo em vista estas oportunidades e com base na balança comercial brasileira, podemos notar diversos avanços econômicos e de demanda em diferentes mercados. Um deles se destaca por seus conflitos regionais e sua capacidade econômica advinda de recursos naturais.

O Oriente Médio, que se enquadra neste contexto, sempre teve uma rica abundância de recursos naturais, que são cobiçados pelo mundo inteiro. Hoje, campos de petróleo dominam a economia da região, que também é

desproporcionalmente rica em gás natural (32% do gás natural conhecido no mundo é de reservas da região). O Brasil teve sua reaproximação estabelecida com os países árabes, que são em sua maioria do Oriente Médio, com a criação da ASPA (Cúpula América do Sul – Países Árabes) em 2003, com o objetivo de estreitar as relações comerciais e promover a diplomacia (ITAMARATY, 2017).

A partir deste contexto, este estudo tem por objetivo identificar a dinâmica e perspectivas dos negócios com o Oriente Médio visando apresentar possíveis oportunidades a serem potencializadas pelo Brasil.

Estruturalmente, esta monografia foi composta por cinco capítulos. O primeiro enfoca a introdução, situação problema, objetivos geral e específicos, bem como a justificativa. Em seguida, encontra-se a fundamentação teórica, fornecendo sustentação teórica ao estudo. No terceiro capítulo têm-se os procedimentos metodológicos e completando o quarto capítulo, destacam-se a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa. E, por fim, apresentam-se as conclusões e as referências bibliográficas.

1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

Apesar de atingir o seu auge em 2012, a partir deste ano, a balança comercial entre o Brasil e o Oriente Médio vem apresentando um declínio significativo. Em 2016 a soma das importações e exportações atingiram a casa dos 14 bilhões de dólares, uma queda de quase 30% em relação ao ano de 2012. As exportações brasileiras à região são em sua maioria de commodities, como carnes em primeiro lugar, seguido de cereais, açúcar, sementes e grãos, classificados no grupo de produtos alimentícios (MDIC, 2017).

Sabe-se que a diversificação do negócio é importante para manter um equilíbrio saudável e aumentar o volume das exportações. Contudo, devem-se ter claras quais são as reais necessidades do mercado com o qual queremos expandir negócios e estudá-lo a fundo com a finalidade de encontrar novas possibilidades e lacunas comerciais que possam ser supridas pela produção interna, com o fim de gerar renda e divisas ao nosso país. Tendo em vista esses pontos, este estudo se orientou pelo seguinte questionamento: **Qual a dinâmica e perspectivas dos**

negócios com o Oriente Médio visando apresentar possíveis oportunidades a serem potencializadas pelo Brasil?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Identificar a dinâmica e perspectivas dos negócios com o Oriente Médio visando apresentar possíveis oportunidades a serem potencializadas pelo Brasil.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Caracterizar a balança comercial do Oriente Médio com o mercado internacional;
- b) Apresentar a classificação e os produtos comercializados entre o Oriente Médio e o mercado internacional;
- c) Destacar as características da balança comercial do Brasil com o Oriente Médio;
- d) Apresentar a classificação e os produtos comercializados entre o Brasil e o Oriente Médio;
- e) Identificar as oportunidades de exportação e importação que podem potencializar o comércio exterior brasileiro com o Oriente Médio.

1.3 JUSTIFICATIVA

Este trabalho tem como foco identificar a dinâmica e perspectivas dos negócios com o Oriente Médio visando apresentar possíveis oportunidades a serem potencializadas pelo Brasil.

Ao conhecer as características desta região, torna-se possível compreender a realidade de uma área onde os conflitos étnicos e religiosos se confundem com os interesses das grandes potências, as quais buscam pelas riquezas naturais existentes em um contexto de cultura e território inigualável.

Há evidências que demonstram e confirmam essa realidade. Um exemplo disso é a visão de Leandro Karnal (1994), que traz o petróleo denominado como o “Ouro Negro” em seu livro ORIENTE MÉDIO, e explica que sem o fornecimento da região, o mundo industrial estaria comprometido. Este é um dos exemplos pelo qual é possível entender as tentativas incessantes das grandes potências em manter a região sob seu controle.

Apesar da turbulência política, os mercados do Oriente Médio oferecem grandes oportunidades para os investidores internacionais. As vantagens da região incluem sua localização na encruzilhada de três continentes, vastas reservas de energia e populações em rápido crescimento. O risco político é o principal fator que levam as empresas multinacionais a ficarem longe da região ou limitam seu envolvimento em acordos de licenciamento e franquias (ROGMANS, 2013).

A contribuição que este estudo espera levar ao leitor é de que se podem tirar vantagens comerciais de uma região onde existem riquezas naturais em excesso, porém distribuídas em poucas opções. Com isto, este trabalho visou buscar novas oportunidades de mercado por meio de uma análise onde sejam abordados os assuntos mais relevantes do Oriente Médio e sua economia, servindo de base para a pesquisa e conhecimento de futuros exportadores e empresas do ramo do comércio internacional, que nunca tenham pensado na possibilidade de iniciar uma negociação com o Oriente Médio por falta de conhecimento em sua capacidade econômica ou receio por apenas ouvir falar dos conflitos que ocorrem na região.

A maior contribuição pessoal deste estudo foi o conhecimento adquirido de uma região tão peculiar e rica em história, que mantém sua economia no âmbito internacional, em meio a um cenário político instável e com uma religião dominante e restrita.

E, por fim, o estudo tornou-se viável pela disponibilidade de relatórios e documentos oficiais de órgãos governamentais que possibilitaram concluir a pesquisa, bem como responder a pergunta de pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão abordados os temas relacionados aos objetivos gerais e específicos descritos no início do trabalho. O âmbito onde as relações internacionais foram criadas, como são dadas as mesmas e sua importância no mundo globalizado. Seguindo este enfoque, dar-se-á destaque ao intercâmbio comercial entre o Brasil e o Oriente Médio, por meio da apresentação de dados retirados de sites de fundações que tenham como foco as análises deste assunto, como também teorias extraídas de livros e artigos publicados.

2.1 MERCADOS INTERNACIONAL – ASPECTOS HISTÓRICOS E GLOBAIS

Segundo Rugman e Collinson (2006), os negócios internacionais são o estudo das transações que ocorrem por meio das fronteiras nacionais com o objetivo de satisfazer as necessidades de indivíduos e organizações. Essas transações econômicas consistem em comércio, como no caso de exportação e importação, investimento estrangeiro direto e operações de financiamento de empresas em outros países.

Já o comércio internacional, segundo Rauscher (1997), é o intercâmbio de bens e mercadorias através das fronteiras nacionais e é também conhecido por meio das exportações e importações. Este ajuda a entender melhor o impacto dos negócios internacionais na economia mundial. Por exemplo, o Japão importa todo o óleo que consome, então se o preço do petróleo aumenta acentuadamente, pode-se prever imediatamente que o custo de fabricação de carros no Japão irá aumentar e as exportações de automóveis Japoneses irão cair.

Neste contexto, as exportações e importações são importantes para o estudo dos negócios internacionais já que eles são seus principais condutores, quando o comércio exterior de todo o mundo entra em declínio, isto é um sinal de que a economia mundial está entrando em colapso (RAUSCHER, 1997).

Os pontos conceituados acima são fruto de um acontecimento chamado globalização, onde um conjunto de mudanças econômicas, políticas e sociais passaram a influenciar o mundo e causaram a interdependência dos países que participaram desta transição. Intelectuais defendem que este processo teve seu

início no século XIX, onde a modernização requeria a integração com outros países, outros defendem que este teve seu início antes mesmo, quando no século XV houve o marco da expansão ultramarina, que deu início à Revolução Comercial por meio das grandes navegações, interligando todo o mundo (CAMPOS; CANAVEZES, 2007).

Até as economias mais ricas em recursos como os Estados Unidos sofreriam sem o comércio. Alguns tipos de alimento ficariam indisponíveis ou só poderiam ser obtidos a preços exorbitantes. Café e açúcar passariam a ser artigos de luxo. As fontes de energia derivadas de petróleo escasseariam. Os veículos parariam de rodar, as cargas deixariam de ser entregues, e as pessoas não poderiam aquecer seus lares no inverno. Em suma, não se trata somente de nações, empresas e cidadãos beneficiarem-se do comércio internacional; a vida moderna é praticamente impossível sem ele. (CAVUSGIL; KNIGHT; RIESENBERGER, 2010, p. 73)

Campos e Canavezes (2007) pontuam que nas últimas décadas tem acontecido uma série de mudanças na economia mundial que trazem com elas novos pensamentos, tanto das empresas, como das pessoas e também do governo. Com isto, a competição entre as empresas cresceu de uma forma muito rápida, assim como a oferta de serviços e mercadorias de forma mais rápida ainda. A inserção no mercado internacional provocou a diversificação e inovação de todos os mercados, obrigando-os a adaptar-se aos concorrentes globais e à diversificação de produtos.

Segundo Moreira (2012), as principais teorias do comércio começaram a surgir a partir de 1776, a primeira nomeada como Teoria do Princípio da Vantagem Absoluta, onde o economista Adam Smith fundamentou a ideia de que os países deveriam se especializar e exportar os bens nos quais detêm vantagens absolutas, seja pelo baixo custo de produção, pela terra mais propícia ou mão de obra mais barata ou tecnologia mais avançada, e importar os bens nos quais são menos competitivos. Teoria que iria totalmente contra a visão mercantilista (Séc. XVI) que defendia que as exportações são boas para uma nação e as importações não, na época a prática de acumular bens era comum devido as grandes navegações.

Em 1817 uma nova teoria surgiu pelo economista David Ricardo que deu frente ao Princípio da Vantagem Comparativa, na qual o fundamento principal vai de encontro à Adam Smith, porém David foi mais além e escreveu em seu livro *The Principles and Political Economy and Taxation*, que um país não deve somente se beneficiar ao fabricar só o que detém vantagem absoluta, mas que também deve

especializar-se em produzir bens nos quais não detém essa vantagem para poder utilizar como moeda de troca (MOREIRA, 2012).

Segundo Cervo (2008), diante do cenário desenvolvido pelo comércio internacional, é de suma importância levar em consideração a dimensão de competitividade, seja por preço, qualidade, condições de pagamento, taxa de câmbio ou tempo de entrega no país de destino e também a necessidade de prestar o serviço de pós-vendas.

Por isto, alguns atributos que impulsionam a competitividade devem ser analisados: *i)* Estratégia e estrutura da empresa: a definição da estratégia deve ser consolidada e bem estruturada; *ii)* Condições de demanda: ter um mercado local com alta demanda influencia a produção em escala, o que impulsiona os investimentos em tecnologia, produção, instalações, etc.; *iii)* Condições dos fatores: capital humano, conhecimento, recursos e a taxa de crescimento da empresa (CERVO, 2008).

Ainda de acordo com Cervo (2008), dada a facilidade de inserção no mercado internacional, as empresas às vezes focam somente no que lhes é ofertado no momento e esquecem que diversos fatores devem ser analisados para uma maior expansão, sendo que uma pesquisa de mercado deve ser o passo inicial nestas situações. Quanto a escolha dos produtos a serem ofertados em escala global, é importante analisar quais tipos de produtos se encaixam em cada mercado no qual ele será inserido.

O risco pode estar em querer vender o mesmo produto que faz sucesso de vendas no mercado interno e quando inserido internacionalmente não atenda a expectativa de sucesso esperada, pois talvez este não seja um produto global (produto desenvolvido com base no estudo de diversos mercados e com índices altos de aceitação nestes). O estudo de mercado deve ser trabalhado primeiramente para que o desenvolvimento de produtos seja assertivo, o que conseqüentemente fará com que a entrada nos mercados traga os resultados esperados (LUDOVICO, 2012).

Segundo Patriota (2016), a relação Brasil – Oriente Médio teve início no século XIX, quando o Imperador D. Pedro II (1871 – 1876), fez uma viagem pessoal à Palestina e ao Império Otomano, ele admirava a cultura da região e chegou a realizar uma segunda viagem pouco tempo depois. 132 anos após este

acontecimento, Luiz Inácio Lula da Silva, foi o primeiro presidente a visitar o Oriente Médio numa viagem de caráter político.

Somente durante o governo Lula, em 2003, a Política Externa Brasileira (PEB) iniciou a reforma da projeção Brasileira no cenário mundial, onde se inclui o Oriente Médio. Novos direcionamentos foram traçados entre as duas regiões, fazendo com que houvesse o começo de uma aproximação com os médio-orientais. A nova política incluiu formação de novas alianças, políticas de cooperação e relacionamento no âmbito internacional (PATRIOTA, 2016).

O ex-presidente Ignácio Lula da Silva encontrou no Oriente Médio uma oportunidade de exercer a diplomacia no seu governo e por meio desta, foi em busca dos seus 4 objetivos foco: garantia da presença soberana do Brasil no mundo, reforma da governança global, conquista de assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) e, por fim, expansão do comércio internacional do Brasil (PATRIOTA, 2016).

Na sequência, a próxima subseção destaca o Oriente Médio e a sua relação com o contexto das relações internacionais.

2.2 O ORIENTE MÉDIO NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Um estudo anual de 144 economias mostra que algumas delas, pequenas e ricas, continuam se beneficiando de sua riqueza baseada em recursos naturais para empreender em reformas estruturais que ajudam a impulsionar o emprego no setor privado. O relatório classifica os mercados por 12 medidas-chave que influenciam a competitividade, incluindo infraestrutura, educação e inovação. Estas são as seis principais economias da região do Oriente Médio (MARGARETA DRZENIEK, 2016).

2.2.1 Emirados Árabes Unidos

Liderando a região, ocupa o 12º lugar no mundo e embora pequeno em tamanho (semelhante ao tamanho da Escócia), os Emirados Árabes Unidos tornou-se um importante participante em assuntos regionais e internacionais (UAE – MOFA, 2018).

A história dos EAU iniciou com os tratados do século XIX, onde os Estados da Costa do Golfo Pérsico concederam ao Reino Unido o controle de suas defesas e relações exteriores. Em 1971, seis desses estados: Abu Dhabi, 'Ajman, Al Fujayrah, Ash Shariqah, Dubayy e Umm al Qaywayn, fundiram-se para formar os Emirados Árabes Unidos (EAU) e em 1972 formaram o 7º Emirado chamado Ra's al Khaymah (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2012).

A bem-sucedida campanha do país para a Expo 2020 e seu forte impulso para reformas ancoraram muitas iniciativas para aumentar a sua competitividade. Além disso, a estrutura institucional dos EAU, a infraestrutura, a estabilidade macroeconômica e o uso das TIC melhoraram muito. O país possui mercados de bens altamente eficientes, ambiente macroeconômico forte, profunda confiança pública nos políticos e alta eficiência governamental (PWC, 2017).

O PIB per capita desta potência mundial está no mesmo nível dos principais países da Europa Ocidental. Por mais de três décadas, o petróleo e as finanças globais impulsionaram sua economia. No entanto, em 2008, a forte queda dos preços do petróleo, o colapso dos preços dos imóveis e a crise bancária internacional atingiram a região. Apesar disto, nos últimos anos tem desempenhado um papel crescente nos assuntos regionais, além de doar bilhões de dólares em ajuda econômica para ajudar a estabilizar o Egito, os EAU foram um dos primeiros países a aderir à coalizão Derrota-ISIS, e é um parceiro fundamental em uma campanha militar liderada pelos sauditas para combater a guerra no Iêmen (UAE MINISTRY OF ECONOMY, 2017).

Hoje os EAU têm uma economia aberta com uma alta renda per capita e um considerável superávit comercial anual e esforços bem-sucedidos de diversificação econômica reduziram a parcela do PIB do setor de petróleo e gás para 30%. Desde a descoberta de petróleo na região há quase 60 anos, o país sofreu uma profunda transformação de uma região empobrecida de pequenos principados do deserto, para um estado moderno com alto padrão de vida. O governo aumentou os investimentos em criação de empregos e expansão da infraestrutura e está abrindo serviços públicos para um maior envolvimento do setor privado. As zonas de livre comércio do país, que oferecem 100% de participação estrangeira e zero impostos, estão ajudando a atrair investidores estrangeiros (UAE MINISTRY OF ECONOMY, 2017).

Segundo a CIA (2018), a dependência dos EAU em relação ao petróleo é um desafio significativo em longo prazo, embora sejam um dos países mais diversificados do Conselho de Cooperação do Golfo e hoje já mantenham uma economia diversificada. O plano estratégico dos EAU para os próximos anos se concentra na maior diversificação econômica, promovendo o país como um centro de comércio global, turismo e de desenvolvimento da indústria com a criação de mais oportunidades de trabalho para os moradores através de uma melhor educação e aumento de emprego no setor privado.

“[...] Dubai é conhecido por sua vantagem comparativa abundante em petróleo e gás, porém ele se tornou modelo de centro comercial internacional, seu PIB nacional hoje conta com menos de 10% proveniente de sua maior vantagem comparativa.” (CAVUSGIL; KNIGHT; RIESENBERGER, 2010, p. 64)

A partir deste contexto, o Quadro 1 apresenta os principais dados econômicos dos EAU.

Quadro 1 - Quadro de informações econômicas dos Emirados Árabes Unidos

(Continua)

PIB (PPP):	
US\$ 691.9 bilhões (2017 est.)	
US\$ 682.8 bilhões (2016 est.)	
US\$ 662.7 bilhões (2015 est.)	
PIB - composição por setor de origem (2017 est.):	
Agricultura (0.9%)	
Indústria (49.8%)	
Serviços (49.2%)	
ECONOMIA POR SETOR:	
Agricultura - legumes, melancias, avicultura, laticínios, pesca	
Indústria - petróleo e petroquímica, pesca, alumínio, cimento, fertilizantes, reparação de navios comerciais, materiais de construção, artesanato, têxteis	
TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL:	
-7.6% (2017 est.)	
EXPORTAÇÕES:	IMPORTAÇÕES:
US\$ 314.7 bilhões (2017 est.)	US\$ 241.3 bilhões (2017 est.)
US\$ 298.6 bilhões (2016 est.)	US\$ 230.3 bilhões (2016 est.)

Quadro 1 – Quadro de informações econômicas dos Emirados Árabes Unidos
(Conclusão)

EXPORTAÇÕES - COMMODITIES:	IMPORTAÇÕES - COMMODITIES:
Petróleo bruto, gás natural, reexportação, peixes	Máquinas e equipamentos de transporte, gêneros alimentícios, produtos químicos
EXPORTAÇÕES - PARCEIROS (2016):	IMPORTAÇÕES - PARCEIROS (2016):
Índia 9,9%	China 7,4%
Irã 8,9%	EUA 6,9%
Japão 8,8%	Índia 6,8%
Suíça 8,5%	Alemanha 4,4%
Omã 5,4%	
China 5,1%	

Fonte: Elaboração própria a partir da CIA (2018)

2.2.2 Catar

A história do Catar começou com o governo da família Al Thani desde meados do século XIX. Nos últimos 60 anos transformou-se de um pobre protetorado britânico, em um estado independente com receitas significativas de petróleo e gás natural. O desvio contínuo das receitas petrolíferas em meados da década de 1990 pelos emires que moravam na Europa atrapalhou o crescimento econômico do país (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

O ex-embaixador Hamad Bin Khalifa Al Thani, introduziu amplas reformas políticas e na mídia, um grande investimento econômico com um crescente papel de liderança regional do Catar, em parte por meio da criação da rede de notícias via satélite árabe Al-Jazeera e mediação do Catar de alguns conflitos regionais. Nos anos 2000, o Catar resolveu suas antigas disputas fronteiriças com Bahrein e Arábia Saudita e, em 2007, alcançou a maior renda per capita do mundo. Em meados de 2013 (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

Recentemente, as relações do Catar com seus vizinhos tiveram momentos tensos. Após a revolta popular regional em 2011, a cidade de Doha, capital do país, apoiou muitas revoluções populares, particularmente na Líbia e na Síria. Essa postura foi contrária ao interesse das relações do país com Bahrein, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, que temporariamente retiraram seus

respectivos embaixadores de Doha em março de 2014 (GOVERNMENT COMMUNICATIONS OFFICE, 2018).

Tamim, emir do país, posteriormente coordenou uma reaproximação das relações entre Catar e Bahrein, Arábia Saudita, e os Emirados Árabes Unidos em novembro de 2014, após a mediação do Kuwait e assinatura do Acordo de Riad. Em junho de 2017, no entanto, o quarteto cortou relações diplomáticas e econômicas com o Catar em resposta a supostas violações do acordo (GOVERNMENT COMMUNICATIONS OFFICE, 2018).

De acordo com o relatório da PWC (2017), a península ocupa uma localização estratégica no Golfo Pérsico central, perto dos principais depósitos petrolíferos e de gás natural, que ainda são o principal motor econômico e fonte de renda do país e impulsionam os altos índices de crescimento e níveis de renda per capita.

O Catar detém 13% do total mundial das reservas de gás natural e mais de 25 bilhões de barris de petróleo, com estimativa de produção suficiente para 56 anos, porém, apesar da dependência destes dois recursos naturais, o país tem procurado se fortalecer em outros setores como manufatura, construção e serviços financeiros, levando o PIB não petrolífero a subir nos últimos anos para pouco mais da metade do total. Em 2017 a Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Egito impuseram uma restrição comercial ao Catar, que precisou estabelecer novas rotas comerciais com outros países para manter o acesso às importações (PWC, 2017).

O Catar é conhecido por se beneficiar de altos níveis de estabilidade macroeconômica, mercados financeiros e boa segurança social, porém para alcançar uma economia mais diversificada precisa melhorar os resultados educacionais, especialmente a participação no ensino primário e superior. Também deve promover o uso das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) e abrir ainda mais o país ao comércio exterior para aumentar a produtividade em setores não hidrocarbonetos. As empresas do país se beneficiariam da redução das barreiras administrativas para estabelecer negócios e melhorar a infraestrutura de transporte, mas ainda tem um longo caminho a percorrer (MARGARETA DRZENIEK, 2016).

Neste sentido, o Quadro 2 destaca os dados econômicos relativos ao Catar.

Quadro 2 - Quadro de informações econômicas do Catar.

PIB (PPP):	
US\$ 341.7 bilhões (2017 est.)	
US\$ 333.3 bilhões (2016 est.)	
US\$ 326.1 bilhões (2015 est.)	
PIB - composição por setor de origem (2017 est.):	
Agricultura (0,2%)	
Indústria (50,3%)	
Serviços (49,5%)	
ECONOMIA POR SETOR:	
Agricultura - frutas, vegetais, avicultura, produtos lácteos, carne bovina, peixe.	
Indústria - gás natural liquefeito, produção e refinaria de petróleo bruto, amônia, fertilizantes, produtos petroquímicos, barras de reforço de aço, cimento, reparação de navios comerciais.	
TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL:	
- 7% (2017 est.)	
EXPORTAÇÕES:	IMPORTAÇÕES:
US\$ 56.26 bilhões (2017 est.)	US\$ 26.69 bilhões (2017 est.)
US\$ 57.25 bilhões (2016 est.)	US\$ 31.93 bilhões (2016 est.)
EXPORTAÇÕES - COMMODITIES:	IMPORTAÇÕES - COMMODITIES:
Gás natural liquefeito (GNL), produtos petrolíferos, fertilizantes, aço	Máquinas e equipamentos de transporte, alimentos, produtos químicos
EXPORTAÇÕES - PARCEIROS (2016):	IMPORTAÇÕES - PARCEIROS (2016):
Japão 20%	EUA 13,7%
Coréia do Sul 15,5%	Alemanha 9,8%
Índia 13,1%	Emirados Árabes Unidos 9,2%
China 8,2%	China 8,6%
Emirados Árabes Unidos 5,5%	Japão 7,2%
Cingapura 5,3%	Reino Unido 5,5%
	Arábia Saudita 4,6%
	Itália 4,4%

Fonte: Elaboração própria a partir da CIA (2018)

2.2.3 Arábia Saudita

A Arábia Saudita é o lugar de nascimento do Islã e lar dos dois santuários mais sagrados da religião Islâmica, situados nas cidades de Meca e Medina. O moderno Reino foi fundado em 1932 por Abd-al-Aziz, após mais de 30 anos da campanha que existiu para unificar a Península Árabe. Em 1938, ainda sob o governo do rei Abd-al-Aziz, foi descoberto o petróleo na região e a produção iniciou por meio da ARAMCO (Companhia de Óleo Árabe-Americana), naquela época o governo americano detinha parte da companhia, que mais tarde, em 1980, tornou-se uma estatal de controle 100% Saudita. Em 1960 a Arábia Saudita tornou-se membro fundador da OPEC (Organização de Países Exportadores de Petróleo) e em 1981 do GCC (Conselho de Cooperação do Golfo) (THE EMBASSY OF THE KINGDOM OF SAUDI ARABIA, 2018).

De 2005 a 2015, o então rei da época, Abdallah, começou uma modernização no reino. Impulsionado pela ideologia pessoal, ele introduziu uma série de iniciativas sociais e econômicas, incluindo a expansão das vagas de emprego e oportunidades sociais para as mulheres, atraindo investimentos estrangeiros, aumentando o papel do setor privado na economia e estimulando as empresas a contratarem mão de obra local (THE EMBASSY OF THE KINGDOM OF SAUDI ARABIA, 2018).

Em março de 2015, o país liderou uma coalizão de 10 países em uma campanha militar para restaurar o legítimo governo do Iêmen, que havia sido derrubado pelas forças *huti*, aliadas ao ex-presidente Ali Abdullah al-Salih. Em dezembro de 2015, o vice príncipe herdeiro Muhammad Bin Salman anunciou que a Arábia Saudita lideraria uma coalizão islâmica de 34 nações para combater o terrorismo (que já cresceu para 41 nações) (THE EMBASSY OF THE KINGDOM OF SAUDI ARABIA, 2018).

Em maio de 2017, o país inaugurou o Centro Global de Combate à Ideologia Extremista (também conhecido como "ETIDAL") como parte de seus esforços contínuos para combater o extremismo violento. Em setembro de 2017, o então rei Salman emitiu um decreto real que reconhece o direito das mulheres sauditas de dirigir, que valeria a partir de 2018, mas apesar de todos os esforços para mudar sua imagem nos últimos anos, o reino da Arábia Saudita ainda é

historicamente conhecido por sua relação direta em muitas guerras e ações terroristas contra ou a favor de seus países vizinhos do Oriente Médio, além de diversos escândalos de violência e tráfico de mulheres (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

Segundo o relatório *Saudi Arabia Economic Outlook* publicado anualmente pelo site Focus Economics, a economia saudita é baseada no petróleo com fortes controles governamentais sobre a principal atividade econômica. Possui cerca de 16% das reservas comprovadas de petróleo do mundo, classifica-se como o maior exportador de petróleo e desempenha um papel de liderança na OPEP.

O setor petrolífero representa cerca de 90% das receitas orçamentais, 42% do PIB e 90% das receitas de exportação. O governo continua buscando reformas e diversificação econômica e promove investimento no Reino. Aproximadamente 6 milhões de trabalhadores estrangeiros desempenham um papel importante na economia saudita, particularmente nos setores de petróleo e serviços. No entanto, Riad está lutando para reduzir o desemprego entre seus próprios cidadãos e as autoridades sauditas estão particularmente concentradas em empregar sua grande população jovem. Em abril de 2016, o governo saudita anunciou um amplo conjunto de reformas socioeconômicas, conhecidas como Visão 2030.

De acordo com a publicação *Global Economic Prospects* em 2017 do Banco Mundial (World Bank), historicamente, a Arábia Saudita concentrou esforços de diversificação nos setores de geração de energia, telecomunicações, exploração de gás natural e petroquímica. Mais recentemente, o governo abordou investidores sobre a expansão do papel do setor privado nos setores de saúde, educação e turismo. Embora o país tenha enfatizado seus objetivos de diversificação por algum tempo, os baixos preços atuais do petróleo podem forçar o governo a fazer mudanças mais drásticas antes de seu cronograma de longo prazo.

Em 2017, o país teve um déficit orçamentário estimado em 8,3% do PIB, que foi financiado por vendas de bônus e redução de reservas. Embora possa financiar déficits elevados por vários anos, reduzindo seus consideráveis ativos estrangeiros ou tomando empréstimos, cortou os gastos de capital e reduziu os subsídios à eletricidade, água e produtos petrolíferos e recentemente introduziu um

imposto sobre valor agregado de 5% (THE EMBASSY OF THE KINGDOM OF SAUDI ARABIA, 2018).

A Arábia Saudita se beneficia de altos níveis de estabilidade macroeconômica consideráveis, é o maior em termos de tamanho geográfico e de mercado das economias do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC). No entanto, a saúde e a educação ficam atrás de outros países com níveis de renda semelhantes e, com a necessidade de criar empregos para uma força de trabalho crescente, precisa dar mais ênfase à educação e às reformas do mercado de trabalho. Dar espaço à mão de obra feminina e atingir melhores resultados na educação, aumentará sua importância a medida que o país tentar diversificar sua economia (MARGARETA DRZENIEK, 2016).

Com a exposição de aspectos qualitativos relacionados a Arábia Saudita, o Quadro 3 apresenta dados econômicos.

Quadro 3 - Quadro de informações econômicas da Arábia Saudita

(Continua)

PIB (PPP):	
US\$ 1.789 trilhões (2017 est.)	
US\$ 1.787 trilhões (2016 est.)	
US\$ 1.756 trilhões (2015 est.)	
PIB - composição por setor de origem (2017 est.):	
Agricultura (2.6%)	
Indústria (44.2%)	
Serviços (53.2%)	
ECONOMIA POR SETOR:	
Agricultura - trigo, cevada, tomates, melões, carneiros, avicultura, leite	
Indústria - produção de petróleo bruto, refinação de petróleo, petroquímicos básicos, amônia, gases industriais, hidróxido de sódio (soda cáustica), cimento, fertilizantes, plásticos, metais, reparação de navios comerciais, reparação de aeronaves comerciais e construção civil	
TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL:	
-0.3% (2017 est.)	
EXPORTAÇÕES:	IMPORTAÇÕES:
US\$ 231.3 bilhões (2017 est.)	US\$ 136.8 bilhões (2017 est.)
US\$ 183.6 bilhões (2016 est.)	US\$ 127.8 bilhões (2016 est.)

Quadro 3 - Quadro de informações econômicas da Arábia Saudita

(Conclusão)

EXPORTAÇÕES - COMMODITIES:	IMPORTAÇÕES - COMMODITIES:
Petróleo e produtos provenientes do petróleo	Máquinas e equipamentos, gêneros alimentícios, produtos químicos, veículos motorizados, têxteis
EXPORTAÇÕES - PARCEIROS (2016):	IMPORTAÇÕES - PARCEIROS (2016):
China 13.6%	China 16,2%
Japão 11.3%	EUA 15%
Índia 10.7%	Alemanha 6,3%
EUA 9.8%	Japão 5,3%
Coreia do Sul 9.1%	Emirados Árabes Unidos 5%
Cingapura 4.7%	Coreia do Sul 4,3%

Fonte: Elaboração própria a partir da CIA (2018)

2.2.4 Israel

O Estado de Israel foi declarado em 1948, depois que a Grã-Bretanha se retirou de seu mandato na Palestina. A ONU propôs a divisão da área em estados árabes e judeus, e os exércitos árabes que rejeitaram o plano da ONU foram derrotados. Israel foi admitido como membro da ONU em 1949 e teve um rápido crescimento populacional, principalmente devido à migração da Europa e do Oriente Médio, nos anos seguintes (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

O país travou guerras contra seus vizinhos árabes em 1967 e 1973, seguidos por tratados de paz com o Egito em 1979 e com a Jordânia em 1994. Israel e as autoridades palestinas assinaram uma série de acordos provisórios nos anos 90 que criaram um período interino de autogoverno palestino na Cisjordânia e Faixa de Gaza, que Israel ocupou em 1967 (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

A economia israelense sofreu uma transformação drástica nos últimos 25 anos, liderada por setores de ponta e de alta tecnologia. As descobertas de gás na costa do Mediterrâneo, principalmente nas regiões de Tamar e Leviathan, colocam Israel no centro de um potencial mercado regional de gás natural. No entanto, questões estruturais de longo prazo, como baixa participação da força de trabalho entre populações minoritárias, baixa produtividade da força de trabalho existente, altos custos de moradia e consumo, e falta de competição continuam sendo motivo

de preocupação para muitos israelenses e uma questão importante para os políticos israelenses (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

Israel tem uma economia de mercado livre tecnologicamente avançada. Diamantes lapidados, equipamentos de alta tecnologia e produtos farmacêuticos estão entre as principais exportações. Suas principais importações incluem petróleo bruto, grãos, matérias-primas e equipamentos militares. O país geralmente registra consideráveis déficits comerciais, que são compensados pelo turismo e outras exportações de serviços, assim como significativos fluxos de investimento estrangeiro. Entre 2004 e 2013, o crescimento foi em média de quase 5% ao ano, liderado pelas exportações (ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017).

De acordo com o relatório da PWC (2017), a desaceleração da demanda doméstica e internacional e a redução do investimento resultante da situação de segurança incerta de Israel reduziram o crescimento do PIB para uma média de aproximadamente 2,8% ao ano durante o período 2014-17. Campos de gás natural descobertos na costa de Israel desde 2009 aumentaram as perspectivas de segurança energética do país. Questões políticas e regulatórias atrasaram o desenvolvimento do campo de Leviatã, mas a produção de Tamar proporcionou um aumento de 0,8% no PIB de Israel em 2013 e um aumento de 0,3% em 2014. Um dos países mais ativos em carbono da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Israel gera cerca de 57% da sua potência proveniente do carvão e apenas 2,6% de fontes renováveis.

A desigualdade de renda e os altos preços de habitação e commodities continuam sendo uma preocupação para muitos israelenses. A desigualdade de renda de Israel e as taxas de pobreza estão entre os mais altos dos países da OCDE, e há uma percepção ampla entre o público de que um pequeno número de "magnatas" tem um poder de cartel sobre as principais partes da economia. Autoridades do governo pediram reformas para aumentar a oferta de moradias e aumentar a concorrência no setor bancário para lidar com essas queixas públicas. Tarifas e barreiras não tarifárias, combinadas com preços garantidos e tarifas alfandegárias para os agricultores mantiveram os preços dos alimentos em alta em 2016 (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

Em longo prazo, Israel enfrenta questões estruturais, incluindo baixas taxas de participação trabalhista para seus segmentos sociais que mais crescem: as

comunidades ultra ortodoxa e árabe-israelense. Além disso, o setor tecnológico, globalmente competitivo e baseado em conhecimento de Israel emprega somente cerca de 8% da força de trabalho, com o restante sendo empregado principalmente na indústria e no setor de serviços, áreas que estão enfrentando pressões salariais procedentes da concorrência global (ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017).

A principal força de Israel é sua capacidade de inovação de classe mundial, que se apoia em empresas inovadoras que se beneficiam da presença de algumas das melhores instituições de pesquisa do mundo e de um ambiente financeiro favorável para empresas em fase inicial. Para que a estratégia de competitividade orientada para inovação do país seja bem-sucedida futuramente, porém, as instituições de Israel precisarão de melhorias contínuas e melhorias na educação, principalmente no nível primário. A situação de segurança no país é muito frágil, mas isso não tem afetado a economia de Israel no passado recente (MARGARETA DRZENIEK, 2016).

Com isso, o Quadro 4 destaca os principais dados econômicos da economia de Israel.

Quadro 4- Quadro de informações econômicas de Israel

(Continua)

PIB (PPP):
US\$ 315.6 bilhões (2017 est.)
US\$ 306.1 bilhões (2016 est.)
US\$ 294.5 bilhões (2015 est.)
PIB - composição por setor de origem (2017 est.):
Agricultura (2.3%)
Indústria (26.6 %)
Serviços (69.5%)
ECONOMIA POR SETOR:
Agricultura - frutas cítricas, legumes, algodão; carne de vaca, aves de capoeira, produtos lácteos

Quadro 4 – Quadro de informações econômicas de Israel

(Conclusão)

ECONOMIA POR SETOR:	
Indústria - produtos de alta tecnologia (incluindo aviação, comunicações, eletrônica para medicina, fibra ótica), madeira e produtos de papel, potássio e fosfatos, alimentos, bebidas e tabaco, soda cáustica, cimento, produtos farmacêuticos, construção, metal produtos, produtos químicos, plásticos, diamantes lapidados, têxteis, calçados	
TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL:	
+ 4% (2017 est.)	
EXPORTAÇÕES:	IMPORTAÇÕES:
US\$ 60.6 bilhões (2017 est.)	US\$ 66.76 bilhões (2017 est.)
US\$ 56.17 bilhões (2016 est.)	US\$ 63.54 bilhões (2016 est.)
EXPORTAÇÕES - COMMODITIES:	IMPORTAÇÕES - COMMODITIES:
Máquinas e equipamentos, software, diamantes lapidados, produtos agrícolas, produtos químicos, têxteis	Matérias-primas, equipamentos militares, bens de investimento, diamantes em bruto, combustíveis, grãos, bens de consumo
EXPORTAÇÕES – PARCEIROS (2016):	IMPORTAÇÕES – PARCEIROS (2016):
EUA 29,3%	EUA 12,2%
Hong Kong 7,4%	China 8,9%
UK 6,5%	Suíça 6,4%
China 5,5%	Alemanha 6,1%
Bélgica 4,2%	Bélgica 5,9%
	Reino Unido 5,5%
	Holanda 4,1%
	Itália 4%

Fonte: Elaboração própria a partir da CIA (2018)

2.2.5 Kuwait

O Kuwait ficou em 40º lugar no relatório, um declínio de quatro lugares no ano anterior. Embora o país se destaque por seu ambiente macroeconômico saudável, o Kuwait, como muitos de seus vizinhos, está lutando para promover a inovação. As empresas relatam que seus maiores desafios são burocracia governamental ineficiente, regulamentação trabalhista restritiva e corrupção (MARGARETA DRZENIEK, 2016).

O país é governado pela dinastia AL-SABAH desde o século XVIII. A ameaça de invasão otomana em 1899 levou emir Mubarak Al-Sabah a buscar

proteção da Grã-Bretanha, cedendo a ela responsabilidade estrangeira e de defesa até 1961, quando o país alcançou sua independência. Em 2 de agosto de 1990 foi atacado e invadido pelo Iraque. Após várias semanas de bombardeio aéreo, uma coalizão da ONU liderada pelos EUA iniciaram um ataque terrestre em 23 de fevereiro de 1991, que libertou o Kuwait em quatro dias. O país gastou mais de US\$ 5 bilhões para reparar a infraestrutura de petróleo danificada durante a invasão. A família Al-Sabah retornou ao poder em 1991 e reconstituiu o parlamento (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

Segundo o relatório anual do Kuwait Fund (2017), o país tem uma economia geograficamente pequena, porém rica e relativamente aberta, com reservas de petróleo de cerca de 102 bilhões de barris - mais de 6% das reservas mundiais. O petróleo representa mais da metade do PIB, 92% das receitas de exportação e 90% da receita do governo. Em 2015 percebeu um déficit orçamentário após décadas de altos preços do petróleo e em 2016, o déficit cresceu para 16,5% do PIB.

Autoridades do Kuwait anunciaram cortes para incentivar subsídios em agosto de 2016, provocando indignação entre o público e a Assembleia Nacional. Em 2017, o déficit foi reduzido para 7,2% do PIB e o governo levantou US\$ 8 bilhões ao emitir títulos internacionais. Apesar da dependência do país em relação ao petróleo, o governo tem tentado diminuir o impacto dos preços mais baixos do petróleo, ao economizar anualmente pelo menos 10% das receitas do governo no Fundo para Gerações Futuras (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

O Kuwait fracassou em diversificar sua economia e fortalecer o setor privado, devido a um clima de negócios precário, um grande setor público que emprega cerca de 74% dos cidadãos e um relacionamento difícil entre a Assembleia Nacional e o Poder Executivo que impediu a maioria das reformas econômicas. O governo fez pouco progresso em seu plano de desenvolvimento econômico de longo prazo, aprovado pela primeira vez em 2010. Muitos dos projetos de diversificação não se concretizaram devido a uma situação política incerta. Para aumentar as receitas não petrolíferas, em agosto de 2017, o governo do país aprovou projetos de lei de apoio a um imposto sobre valor agregado para todo o Conselho de Cooperação do Golfo, com vigência prevista para 2018 (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

Com isso, o Quadro 5 destaca os principais dados econômicos da economia do Kuwait.

Quadro 5 - Quadro de informações econômicas do Kuwait

PIB (PPP):	
US\$ 302.5 bilhões (2017 est.)	
US\$ 308.9 bilhões (2016 est.)	
US\$ 301.5 bilhões (2015 est.)	
PIB - composição por setor de origem (2017 est.):	
Agricultura (0.4 %)	
Indústria (58.7 %)	
Serviços (40.9 %)	
ECONOMIA POR SETOR:	
Agricultura - pesca	
Indústria - petróleo, petroquímica, cimento, construção naval e reparação, dessalinização de água, processamento de alimentos, materiais de construção	
TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL:	
- 1.5% (2017 est.)	
EXPORTAÇÕES:	IMPORTAÇÕES:
US\$ 54.09 bilhões (2017 est.)	US\$ 29.36 bilhões (2017 est.)
US\$ 46.26 bilhões (2016 est.)	US\$ 30.82 bilhões (2016 est.)
EXPORTAÇÕES - COMMODITIES:	IMPORTAÇÕES - COMMODITIES:
Óleo bruto e produtos refinados, fertilizantes	Alimentos, materiais de construção, veículos e peças, roupas
EXPORTAÇÕES - PARCEIROS (2016):	IMPORTAÇÕES - PARCEIROS (2016):
Coréia do Sul 16,8%	China 14,1%
China 14,4%	EUA 11,9%
Japão 9,6%	Emirados Árabes Unidos 8,3%
Índia 9,2%	Japão 6,5%
EUA 7,5%	Alemanha 6,2%
Cingapura 5,6%	Índia 5,4%
	Itália 5%
	Arábia Saudita 4,4%
	Coréia do Sul 4,4%

Fonte: Elaboração própria a partir da CIA (2018)

2.2.6 Bahrein

O PIB per capita de Bahrein tem superado a média regional há alguns anos e, embora o mercado seja pequeno em comparação com muitas economias vizinhas, seus pontos fortes incluem boa infraestrutura, oferta de educação e prontidão tecnológica. A burocracia governamental ineficiente e as regulamentações trabalhistas restritivas são as maiores barreiras ao desenvolvimento de negócios e à inovação (MARGARETA DRZENIEK, 2016).

O arquipélago que foi um protetorado britânico, que alcançou sua independência em 1971. Bahrein teve um declínio constante na produção e reservas de petróleo em 1970 que o levou a adotar medidas para diversificar sua economia, no processo de desenvolvimento de processamento e refino de petróleo, produção de alumínio e setores de hospitalidade e varejo. Também se esforçou para se tornar um importante centro bancário regional, especialmente no que diz respeito às finanças islâmicas. O pequeno tamanho territorial, a localização central entre os países do Golfo, a dependência econômica da Arábia Saudita e a proximidade com o Irã exigem que ele tenha um equilíbrio delicado entre os países vizinhos. Suas atividades de política externa geralmente se alinham com a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

A família real sunita tenta administrar há muito tempo suas relações com sua grande população de maioria xiita. No início de 2011, em meio a revoltas árabes em outras partes da região, o governo do Bahrein enfrentou protestos pró-democracia e reforma com ações policiais e militares, que incluiu o envio de forças de segurança do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) ao país (PWC, 2017).

De acordo com o diretório de informações chamado The World Factbook da CIA atualizado em 2018, os baixos preços do petróleo geraram um déficit orçamentário de pelo menos US \$ 3,5 bilhões em 2017, quase 10% do PIB. Bahrein tem poucas opções para cobrir esse déficit, com baixos ativos estrangeiros e menos recursos petrolíferos em comparação com seus vizinhos do CCG (CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2018).

O petróleo compreende 85% das receitas orçamentárias do país, apesar dos esforços anteriores para diversificar sua economia, construir instalações de comunicação e transporte para empresas multinacionais com negócios no Golfo e

expandir o desenvolvimento de infraestrutura. Como parte de seus planos de diversificação, Bahrein implementou um Acordo de Livre Comércio (TLC) com os EUA em agosto de 2006, o primeiro TLC entre os Estados Unidos e um Estado do Golfo. Ele planeja introduzir um Imposto sobre Valor Agregado (IVA) até o final de 2018 Futuras.

Outras atividades econômicas importantes são a produção de alumínio - a segunda maior exportação de Bahrein, depois do petróleo e da construção, porém continua buscando novos suprimentos de gás natural como matéria-prima para apoiar suas indústrias petroquímicas e de alumínio em expansão. Em abril de 2018, o país anunciou que havia encontrado um campo de petróleo significativo na costa oeste do país, mas ainda está avaliando quanto petróleo pode ser extraído com lucro (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2018).

Em 2011, Bahrein passou por problemas econômicos, resultado de distúrbios domésticos causados pela maioria da população xiita; no entanto, se recuperou em 2012-15, em parte como resultado de uma alta no setor de turismo. Além de enfrentar seus atuais problemas fiscais, as autoridades do país enfrentam o desafio de longo prazo de aumentar a sua competitividade regional especialmente no setor de finanças e turismo e conciliar as restrições de receita com a pressão popular para manter subsídios estatais e um grande setor público. Desde 2015, o governo levantou subsídios para a carne, o diesel, o querosene, a gasolina e começou a introduzir preços mais altos para a eletricidade e a água (CIA, 2018). Desta forma, o Quadro 6 destaca os principais dados econômicos da economia de Bahrein.

Quadro 6 - Quadro de informações econômicas de Bahrein

(Continua)

PIB (PPP):
US\$ 69.77 bilhões (2017 est.)
US\$ 68.08 bilhões (2016 est.)
US\$ 66.12 bilhões (2015 est.)
PIB - composição por setor de origem (2017 est.):
Agricultura (0.3 %)
Indústria (38.2%)
Serviços (61.5 %)

Quadro 6 – Quadro de informações econômicas de Bahrein

(Conclusão)

ECONOMIA POR SETOR:	
Agricultura - frutas, legumes, avicultura, produtos lácteos, pesca	
Indústria - processamento e refino de petróleo, fundição de alumínio, ferro, fertilizantes, serviços bancários islâmicos, seguros, reparação de navios, turismo	
TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL:	
- 0% (2017 est.)	
EXPORTAÇÕES:	IMPORTAÇÕES:
US\$ 14.33 bilhões (2017 est.)	US\$ 13.96 bilhões (2017 est.)
US\$ 12.78 bilhões (2016 est.)	US\$ 13.59 bilhões (2016 est.)
EXPORTAÇÕES - COMMODITIES:	IMPORTAÇÕES - COMMODITIES:
Petróleo e produtos petrolíferos, alumínio, têxteis	Petróleo bruto, maquinaria, produtos químicos
EXPORTAÇÕES - PARCEIROS (2016):	IMPORTAÇÕES - PARCEIROS (2016):
Arábia Saudita 18,3%	China 9,7%
Emirados Árabes Unidos 17,5%	EUA 8,6%
EUA 11,1%	Emirados Árabes Unidos 7,4%
Japão 8,7%	Japão 6,1%
Catar 4,8%	Arábia Saudita 5,5%
China 4,2%	

Fonte: Elaboração própria a partir da CIA (2018)

Finalizando o contexto que envolve os aspectos socioeconômicos que envolvem as principais economias do Oriente Médio, o próximo capítulo apresenta os procedimentos metodológicos que embasaram o desenvolvimento da pesquisa documental.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Barros e Lehfeld (2000), a metodologia científica é a disciplina que atribui os caminhos para que o acadêmico aprenda a pesquisar e compor o conhecimento que obteve durante a sua exploração do assunto objetivo.

Caracteriza-se por uma série de procedimentos e técnicas para melhor entendimento do conteúdo teórico, a fim de abordar determinado problema e escolher maneiras de encontrar sua resolução. Após a definição do objeto a ser estudado, faz-se necessário o delineamento dos procedimentos metodológicos que foram empenhados no trabalho e como foram desenvolvidos.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento da pesquisa leva em consideração o ambiente no qual os dados foram coletados e o meio de controle das variáveis envolvidas, e se dá por meio de busca em materiais já elaborados, considerando as fases de: determinação dos objetivos, elaboração do plano de trabalho, identificação das fontes e sua localização, leitura do material, apontamento, confecção de fichas e a execução da teoria do trabalho escrito (GIL, 1996).

Desta forma, esta pesquisa foi enquadrada como uma abordagem de natureza qualitativa e quantitativa, que segundo Silva (2014), são as duas principais classificações tratando-se deste tema. A abordagem qualitativa se deu por meio de análises históricas em publicações e particularidades de cada economia, que ainda segundo o autor, é uma abordagem que não exige o cuidado de uma análise técnica de estatísticas ou medidas, pois não há perspectiva de estudo do tempo ou frequência dos fatos ocorridos que foram expostos na pesquisa, mas sim o entendimento e interpretação do fenômeno estudado e suas possíveis consequências e na utilização da abordagem quantitativa, a pesquisa seguiu modelos padronizados de investigação por meio coleta de dados numéricos.

Quanto aos fins de investigação, caracterizou-se como uma pesquisa essencialmente descritiva, pois segundo Gil (1996), tem como objetivo demonstrar as características de determinada população ou grupo, fenômenos ou, então, a possível formação de relações entre variáveis. Neste caso abordaram-se os

aspectos culturais, históricos, geopolíticos e econômicos dos seis países mais competitivos do Oriente Médio, com foco no seu potencial de compra a fim de entender o seu funcionamento e sua relação com o mercado internacional e com base nestes dados encontraram-se possíveis oportunidades de novos negócios com o Brasil.

Com relação aos meios de investigação do estudo, delineou-se como uma pesquisa bibliográfica e documental, que segundo Gil (1996), consiste na procura de dados principalmente em livros, artigos científicos e neste caso também foram utilizadas matérias publicadas em sites de organizações de renome, como a Organização Mundial do Comércio, Central Intelligence Agency (CIA) dos EUA CIA, Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), embaixadas e ministérios de relações exteriores dos países em questão e relatórios internacionais como PWC, Economic Outlook e The Global Competitiveness Report.

3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO ALVO

Para Crespo (2002), definir a área, população e amostragem que será estudada é importante para a pesquisa, pois ela dará o delineamento correto, estabelecendo relação entre as variáveis e os objetivos estabelecidos no início do estudo, no entanto, para isto, é necessário definir uma população certa a fim de prover informações relevantes. No entanto, por se tratar de um estudo que envolve seis países, não houve a necessidade de delimitação da população para realizar amostragem, desta forma, a pesquisa não apresentou população ou amostra.

Ainda assim, a pesquisa apresentou uma área de estudo localizada na região do Oriente Médio em sua denominação geográfica, e suas principais economias: Emirados Árabes Unidos, Catar, Arábia Saudita, Israel, Kuwait e Bahrein, com base em relatórios e publicações anuais extraídos de fontes confiáveis, a fim de delimitar e filtrar os potenciais parceiros de futuras negociações comerciais com o Brasil.

3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS

Conforme Sampieri, Collado e Lucio (2006), a coleta de dados consiste em selecionar ou desenvolver um instrumento para coletar os dados, aplica-lo no estudo com variáveis que permitam medir os acontecimentos dentro do contexto especificado e objetos de interesse do estudo. Dar enfoque, preparar observações, registros e medições para que sejam analisadas corretamente. Segundo os autores, as fontes de pesquisa se dividem em dois tipos: primárias e secundárias.

Neste sentido, dados primários são compostos pela coleta de dados feita pelo autor ou documentos de arquivos públicos, publicações parlamentares e administrativas, estatística (censos), documentos de arquivos privados, cartas e contrato e os dados secundários se referem a dados coletados por outros, por exemplo, relatórios de pesquisas baseados em trabalhos de campo auxiliares, estudo histórico recorrendo aos documentos originais, pesquisa estatística baseada em dados de recenseamento, pesquisa usando a correspondência de outras pessoas (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Também é necessária a definição das técnicas de coleta de dados que, segundo Michel (2015), são divididas entre técnica indireta que consiste na extração dos dados por meio de índices, relatórios e análises documentais que auxiliam a percepção e a análise do problema e a segunda técnica, que consiste na observação e coleta diretamente pelo autor da pesquisa em campo.

Neste sentido, a pesquisa utilizou a coleta dados secundários e por meio da observação indireta, pois o pesquisador teve sua base de dados retirada de livros, publicações de artigos e relatórios geográficos, políticos, regionais, assim como informações econômicas e históricas de órgãos nacionais em meios eletrônicos, que fornecem dados estatísticos e históricos atualizados.

3.4 PLANO DE ANÁLISE DE DADOS

Após realizar a pesquisa e obtenção dos dados, o pesquisador avança para o próximo passo, que se dá por meio da análise e interpretação de dados finais, pois a informação por si só não representa respostas para as questões propostas no início da pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 2010).

A análise por conteúdo, utilizada nesta pesquisa de forma descritiva, é elaborada por meio do conteúdo do texto e procura entender as ideias do autor de

maneira mais clara possível, para que a informação seja fiel à ideia passada pelo autor. Esse método pode utilizar tanto a abordagem qualitativa como a quantitativa

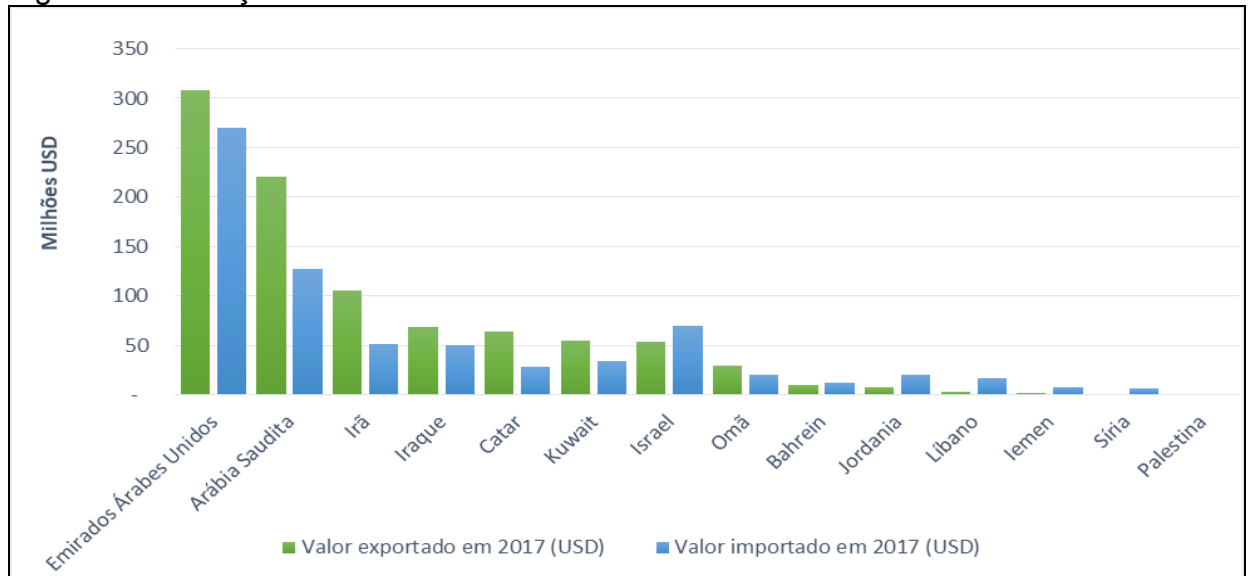
4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Após a apresentação dos principais países do Oriente Médio com maior potencial comercial no mercado de transações mundiais de bens e serviços, foram citadas suas características políticas, geográficas, históricas e comerciais, dando introdução e fundamentação à análise apresentada nos próximos tópicos, onde serão analisadas as dinâmicas e as perspectivas de negócio com a região.

4.1 BALANÇA COMERCIAL DO ORIENTE MÉDIO E O MERCADO INTERNACIONAL

O saldo da balança comercial do Oriente Médio com o mundo, apresentada na Figura 1, foi superavitária em 2017, tendo efetuado mais exportações do que importações no período. O país da região que mais efetuou transações comerciais no ano analisado foram os Emirados Árabes Unidos, comercializando quase 600 milhões de dólares e mantendo o nível de exportações e importações no mesmo patamar. Já o segundo país que mais contribuiu comercialmente foi a Arábia Saudita, com um superávit significativo e o Irã que fica como terceiro país na balança comercial, e que também contou com superávit no período.

Figura 1 - Balança comercial do Oriente Médio.



Fonte: Elaboração própria a partir do TRADEMAP (2018)

Analisando a balança comercial mundial de 2017, que conta com a corrente de comércio de todos os países, o Oriente Médio teve participação de 5% do valor total exportado no período e 4% das importações, apresentando superávit geral no bloco econômico.

Quadro 7 - Participação do Oriente Médio na Balança Comercial Mundial (2017)

Bloco econômico	Valor exportado em 2017 (USD)	Participação nas exportações mundial (%)	Valor importado em 2017 (USD)	Participação nas importações mundial (%)
Mundo	17.585.232.346	100%	17.833.270.431	100%
Oriente Médio	928.410.098	5%	753.087.978	4%

Fonte: Elaboração própria a partir do TRADEMAP (2018)

O nível de participação entre as exportações e as importações é quase o mesmo em 2017, definindo o Oriente Médio como um ator importante no comércio mundial, principalmente do petróleo, que conforme abordado na fundamentação deste trabalho, é o principal produtor no mundo.

4.2 COMERCIALIZAÇÃO ENTRE O ORIENTE MÉDIO E O MERCADO INTERNACIONAL

Quase 50% do valor total exportado pelo Oriente Médio em 2017 foram produtos como petróleo e seus derivados, seguido por pérolas, máquinas e equipamentos mecânicos e nucleares, plásticos e produtos químicos, alumínio, ferro e aço, que são os principais produtos exportados pelo bloco econômico no período. Pode-se concluir desta análise que o Oriente Médio, apesar de todos os esforços para desprender-se deste seguimento, ainda possui grande excedente e entrada de divisas obtidos de seu principal setor econômico petrolífero.

Desta forma, o Quadro 8 destaca os principais produtos exportados pelo Oriente Médio.

Quadro 8 - Produtos exportados pelo Oriente Médio em 2017

PRODUTOS EXPORTADOS PELO ORIENTE MÉDIO	
Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação	47%
Mercadorias não especificadas	8%
Pérolas naturais ou cultivadas, pedras e metais preciosos	7%
Máquinas e equipamentos elétricos e suas partes; gravadores de som e reprodutores, televisores	4%
Plásticos e suas obras	4%
Outros veículos de material circulante ferroviário ou elétrico e suas partes e acessórios	4%
Máquinas, aparelhos mecânicos, reatores nucleares, caldeiras; suas partes	3%
Produtos químicos orgânicos	2%
Alumínio e suas obras	1%
Ferro e aço	1%
Artigos de vestuário e acessórios de vestuário, de malha	1%
Artigos de ferro ou aço	1%
Produtos farmacêuticos	1%
Frutas comestíveis e nozes; casca de frutas cítricas ou melões	1%
Aeronaves, veículos espaciais e suas partes	1%
Artigos de vestuário e seus acessórios, exceto de malha	1%
Ótica, fotográfica, cinematográfica, de medição	1%
Fertilizantes	1%
Tabaco e seus sucedâneos manufaturados	1%
Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento	1%
Outros (<1%)	11%

Fonte: Elaboração própria a partir do TRADEMAP (2018)

Já no Quadro 9, são apresentados os principais produtos importados pelo Oriente Médio em 2017, uma relação que é parecida com as exportações que o

bloco econômico efetuou durante o mesmo ano, com máquinas, equipamentos eletrônicos, reatores nucleares, combustíveis minerais e seus derivados químicos, ferro, aço e plásticos como principais impulsionadores, porém o leque de variedade dos produtos importados é maior, o que poderia ser interpretado e explorado de maneira benéfica por países parceiros.

Quadro 9 - Produtos importados pelo Oriente Médio em 2017

(Continua)

PRODUTOS IMPORTADOS PELO ORIENTE MÉDIO	
Máquinas, aparelhos mecânicos, reatores nucleares, caldeiras; suas partes	12%
Máquinas e equipamentos elétricos e suas partes; gravadores de som e reprodutores, televisores	12%
Pérolas naturais ou cultivadas, pedras e metais preciosos	9%
Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação	8%
Outros veículos de material circulante ferroviário ou elétrico e suas partes e acessórios	8%
Ferro e aço	3%
Plásticos e suas obras	3%
Produtos farmacêuticos	2%
Mercadorias não especificadas	2%
Artigos de ferro ou aço	2%
Aeronaves, veículos espaciais e suas partes	2%
Ótica, fotográfica, cinematográfica, de medição, verificação, precisão, médica ou cirúrgica	2%
Cereais	2%
Produtos químicos orgânicos	1%
Mobília; roupa de cama, colchões, suportes para colchões, almofadas e acessórios semelhantes	1%
Papel e cartão; artigos de pasta de papel, de papel ou de cartão	1%
Borracha e suas obras	1%
Cobre e suas obras	1%
Produtos químicos diversos	1%
Óleos essenciais e resinóides; produtos de perfumaria ou de cosmética ou de toucador	1%
Carnes e miudezas comestíveis	1%
Artigos de vestuário e seus acessórios, exceto de malha	1%
Alumínio e suas obras	1%
Artigos de vestuário e acessórios de vestuário, de malha	1%
Produção diária; ovos de aves; mel natural; produtos comestíveis de origem animal	1%
Frutas comestíveis e nozes; casca de frutas cítricas ou melões	1%
Madeira e artigos de madeira; carvão vegetal de madeira	1%
Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras comestíveis	1%
Tabaco e seus sucedâneos manufaturados	1%
Sementes oleaginosas e frutos oleaginosos; grãos diversos, sementes e frutos	1%

Quadro 9 - Produtos importados pelo Oriente Médio em 2017

(Conclusão)

PRODUTOS IMPORTADOS PELO ORIENTE MÉDIO	
Químicos Inorgânicos; compostos orgânicos ou inorgânicos dos metais preciosos	1%
Navios, barcos e estruturas flutuantes	1%
Açúcar e confeitaria	1%
Calçado, polainas e semelhantes; partes de tais artigos	1%
Preparações alimentícias diversas	1%
Filamentos sintéticos; lâminas e formas semelhantes de matérias têxteis sintéticas ou artificiais	1%
Minérios, escória e cinzas	1%
Vegetais comestíveis e certas raízes e tubérculos	1%
Preparações de cereais, farinhas, amidos ou leite; produtos de pasteleria	1%
Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais	1%
Outros (<1%)	10%

Fonte: Elaboração própria a partir do TRADEMAP (2018)

A lista de produtos importados pelo Oriente Médio é consideravelmente maior que a de produtos exportados, mostrando participação importante nas exportações de seus parceiros comerciais.

4.3 BALANÇA COMERCIAL DO BRASIL COM O ORIENTE MÉDIO

O volume de exportações do Brasil para o Oriente Médio entre os anos de 2007 a 2017 é notavelmente maior que o volume de importações, ou seja, a balança comercial com a região em questão tem um histórico superavitário. A evolução das exportações chama a atenção por manter um nível crescente no decorrer dos anos, ao contrário das importações que não seguem uma constante, tendo alguns picos no período e uma queda importante de 2014 a 2017.

Desta forma, a Figura 2 demonstra a balança comercial do Brasil com o Oriente Médio entre os anos de 2007 e 2017, separando o histórico anual das exportações e importações, além do saldo de cada período.

Figura 2 - Balança Comercial Brasil x Oriente Médio (2007-2017)



Fonte: COMEX VIS (2018)

Analisando a balança comercial do Brasil como um todo, demonstrada no quadro 10, percebe-se que o mercado asiático tem um grande impacto nas negociações comerciais internacionais com o Brasil detendo 29,9% da participação nos últimos 10 anos, ao lado da Europa com 24,6%. Já a participação do Oriente Médio na balança comercial brasileira possui uma parcela pequena de apenas 4%, ficando atrás de blocos econômicos como África, América Central e Caribe e Oceania. O que pode refletir uma oportunidade de crescimento nas negociações com a região estudada, pois a pequena participação pode estar relacionada ao não atendimento de outras necessidades que o Oriente Médio possua ou que o Brasil possua hoje.

Quadro 10 - Participação por país na Balança Comercial Brasileira (2007-2017)
(Continua)

BLOCOS	Total Geral USD	Participação %
ASIA (EXCLUSIVE ORIENTE MEDIO)	1.272.281.667.980,00	29,90%
EUROPA	1.045.015.904.316,00	24,60%
AMERICA DO NORTE	713.058.428.552,00	16,80%
AMERICA DO SUL	665.209.937.425,00	15,60%

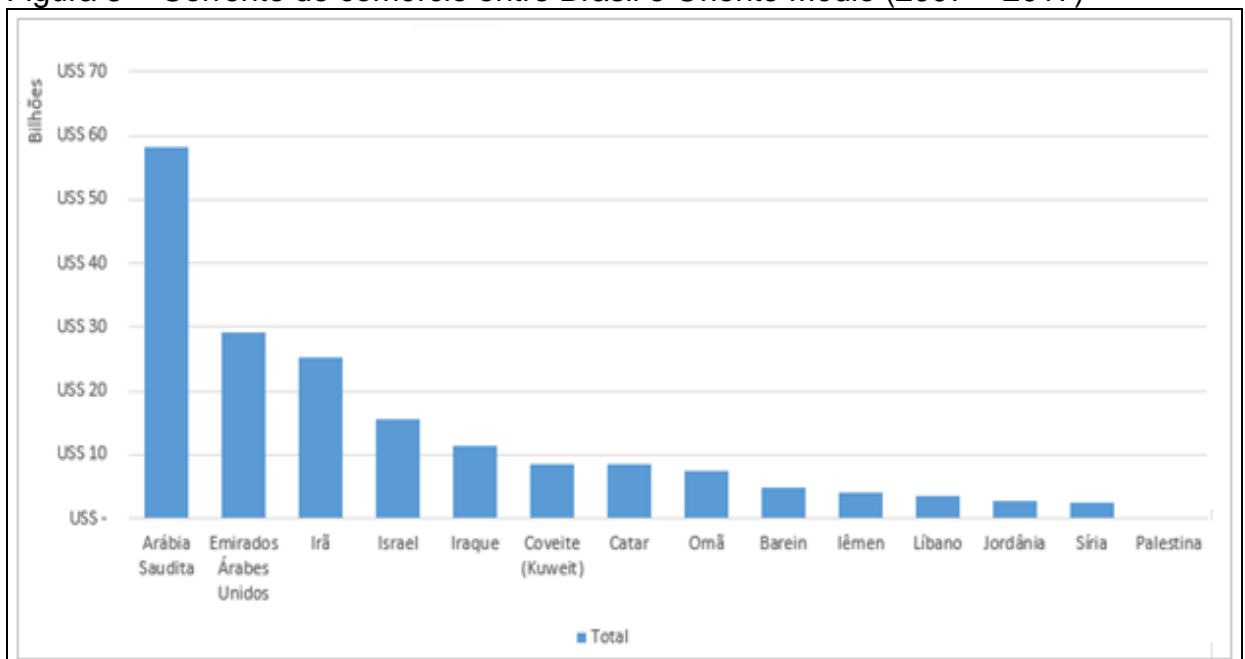
Quadro 10 – Participação por país na Balança Comercial Brasileira (2007-2017)
(Conclusão)

BLOCOS	Total Geral USD	Participação %
ORIENTE MÉDIO	168.448.803.279,00	4,00%
AFRICA	237.190.942.419,00	5,60%
PAIS NAO DECLARADO/SEM INFORMACAO DE PAIS	42.605.188.939,00	1,00%
AMERICA CENTRAL E CARIBE	88.486.073.418,00	2,10%
OCEANIA	21.196.080.534,00	0,50%
TOTAL USD	4.253.493.026.862,00	100%

Fonte: Elaboração própria a partir do MDIC (2018)

A região do Oriente Médio compreende diversos países em diferentes contextos, algumas organizações e relatórios internacionais incluem o Egito como país do bloco econômico por ter a maioria de sua população adepta à religião árabe, ter participação ativa em conflitos e questões que envolvem a região, assim como a Turquia, que vive a mesma situação.

Figura 3 - Corrente de comércio entre Brasil e Oriente Médio (2007 – 2017)



Fonte: Elaboração própria a partir da COMEX VIS (2018)

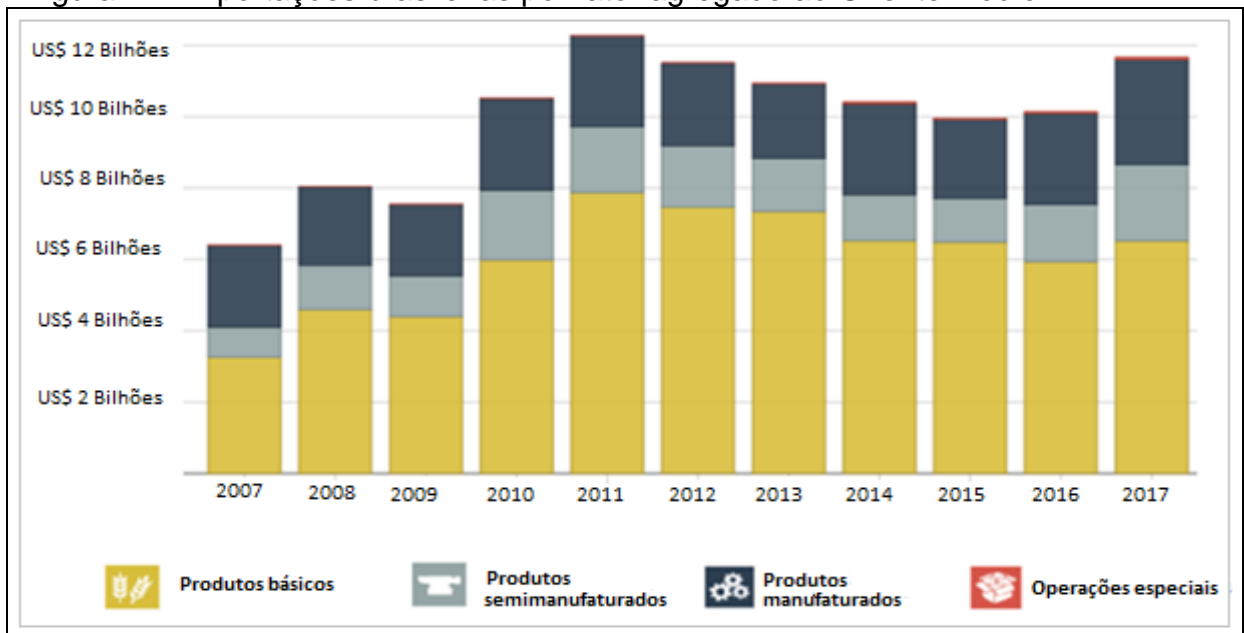
Os países considerados da região do Oriente Médio por área geográfica são: Emirados Árabes Unidos, Catar, Arábia Saudita, Iêmen, Omã, Irã, Israel, Kuwait, Bahrein, Líbano, Síria, Palestina, Iraque e Jordânia (WORLD ATLAS, 2017).

Observando a corrente de comércio apresentada na figura 3 apresentada acima, nos últimos 10 anos (2007 – 2017), o Brasil efetuou transações comerciais com todos esses países, sendo os parceiros mais frequentes e de maior volume comercial a Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Irã e Israel.

4.4 COMERCIALIZAÇÃO ENTRE O BRASIL E O ORIENTE MÉDIO

A Figura 4 abaixo apresenta os tipos de produtos por fator agregado exportado ao Oriente Médio no período de 2007 a 2017:

Figura 4 - Exportações brasileiras por fator agregado ao Oriente Médio



Fonte: COMEX VIS (2018)

Entre os produtos que Brasil e o Oriente Médio comercializam entre si, percebe-se que o maior volume está nos produtos básicos de setor primário do agronegócio, no qual o Brasil tem reconhecimento e participação comercial mundial, o setor é destaque nas exportações à região, seguido de manufaturados e semimanufaturados em menor proporção. A carne de frango e bovina, o açúcar e o milho em grãos são os principais produtos exportados ao bloco econômico.

Por ser uma região de clima árido e semiárido, o deserto é paisagem principal na grande maioria dos países do Oriente Médio e apenas 1,5 % de sua área geográfica possui terras aráveis, o que a torna inadequada para a criação de

gado e produtos provenientes de vegetação úmida, como frutas, verduras e vegetais (CIA, 2018). No quadro 11 a necessidade de abastecimento da região por produtos do agronegócio onde seu clima, vegetação e geografia estão em desvantagem, é refletida por serem os principais produtos exportados à região.

Este cenário vai de encontro à ideia de que, por não ser possível atender a demanda da população interna no setor primário de produtos básicos, o Oriente Médio os importa a fim de preencher esta lacuna proveniente de desvantagens naturais.

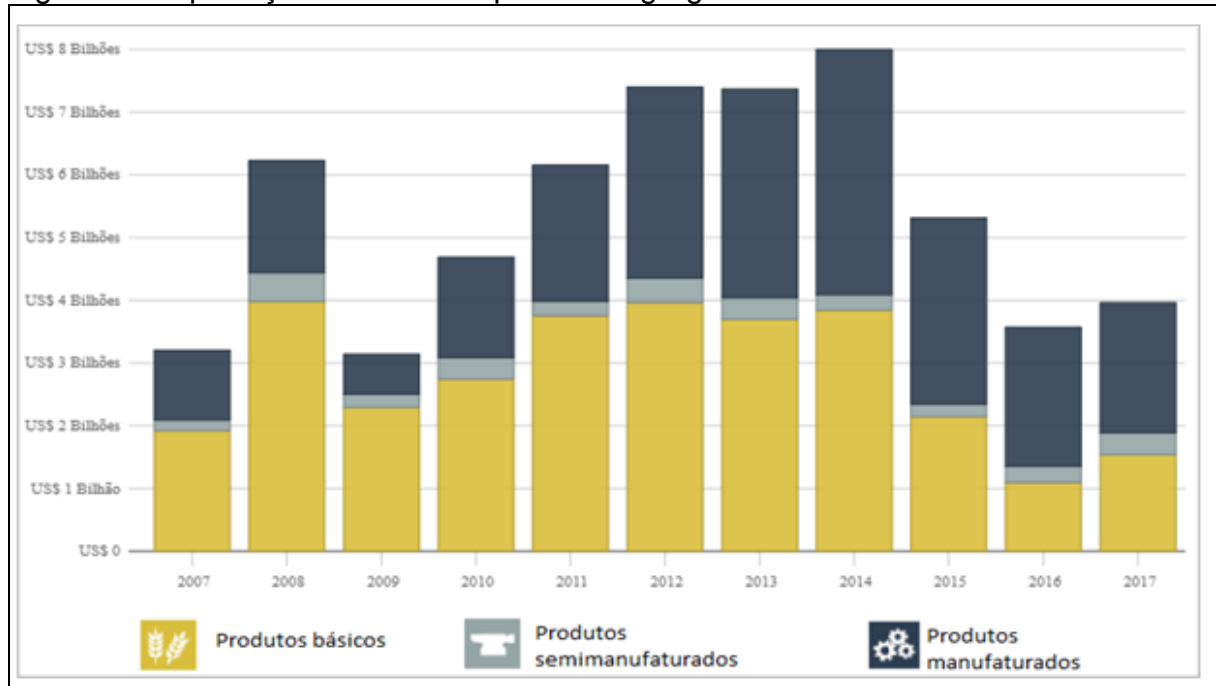
Quadro 11 - Produtos exportados pelo Brasil ao Oriente Médio em 2017

Visão Geral dos Produtos Exportados (2017)	
CARNE DE FRANGO FRESCA, CONGELADA OU EM MIÚDOS	20%
AÇUCAR DE CANA, EM BRUTO	17%
CARNE DE BOVINO CONGELADA, FRESCA OU REFRIGERADA	9%
MILHO EM GRÃOS	8,6%
MINÉRIO DE FERRO E SEUS CONCENTRADOS	6,9%
AÇUCAR REFINADO	6,3%
SOJA MESMO TRITURADA	5,3%
ÓXIDOS E HIDRÓXIDOS DE ALUMÍNIO	2,8%
AUTOMÓVEIS DE PASSAGEIROS	2,4%
CHASSIS COM MOTOR PARA VEÍCULOS AUTOMÓVEIS	2,2%
MUNIÇÕES DE CAÇA E ESPORTE	1,9%
TUBOS DE FERRO FUNDIDO OU AÇO E SEUS ACESSÓRIOS	1,7%
FARELO E RESÍDUOS DA EXTRAÇÃO DE ÓLEO DE SOJA	1,5%
OUTROS (> 1%)	14,4%

Fonte: Elaboração própria a partir da COMEX VIS (2018)

Seguindo a análise dos produtos comercializados entre Brasil e Oriente Médio, percebe-se que o Brasil também tem a maioria de suas importações advindas da região voltadas à produtos básicos, como pode-se observar na Figura 5.

Figura 5 - Importações brasileiras por fator agregado ao Oriente Médio



Fonte: COMEX VIS (2018)

No entanto, conforme o quadro 12, os produtos importados são do setor químico, como óleos brutos de petróleo, ureia e cloreto de potássio. O Oriente Médio por ser o maior produtor de petróleo do mundo desenvolveu junto a este setor a especialização em seus derivados como os químicos em sua forma bruta, tendo maior vantagem comparativa em relação ao Brasil nesta área e assim, podendo exportar o excedente.

Quadro 12 - Produtos importados pelo Brasil do Oriente Médio em 2017

Visão Geral dos Produtos Importados (2017)	
ÓLEOS BRUTOS DE PETRÓLEO	39%
UREIA MESMO EM SOLUÇÃO AQUOSA	19%
CLORETO DE POTÁSSIO	6,1%
ADUBOS OU FERTILIZANTES	5,4%
INSETICIDAS, FORMICIDAS, HERBICIDAS E PROD. SEMELHANTES	4,5%
POLÍMEROS DE ETILENO, PROPILENO E ESTIRENO	3,7%
QUEROSENE DE AVIAÇÃO	3%
SUPERFOSFATOS	2,8%
ALCOOL	1,9%
GÁS NATURAL	1%
OUTROS (> 1%)	13,6%

Fonte: Elaboração própria a partir do COMEX VIS (2018)

4.5 PERSPECTIVAS ENTRE O BRASIL E O ORIENTE MÉDIO

O comércio internacional entre Brasil e Oriente Médio obteve um bom desempenho durante os últimos 10 anos (2007 – 2017) principalmente nas exportações do Brasil, impulsionada por produtos básicos no topo da balança comercial entre ambos, com superávit visivelmente relacionado à especialização das duas regiões, o Brasil no agronegócio e Oriente Médio no petróleo.

No período estudado, metade das exportações do Brasil ao Oriente Médio foram concentradas em 4 produtos, a carne de frango, o açúcar de cana, a carne bovina e milho em grãos. Enquanto a metade das importações do Oriente Médio obtidas do mundo são de máquinas, aparelhos mecânicos, reatores nucleares, máquinas e equipamentos elétricos; pérolas, pedras e metais preciosos; combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; veículos de material circulante ferroviário ou elétrico; ferro e aço, de acordo com o quadro 13.

Esses produtos podem ser explorados por produtores e vendedores brasileiros que queiram ingressar seus negócios na região e potencializar as negociações, tomando proveito da baixa concorrência brasileira em relação às exportações ao Oriente Médio nestes setores e inserindo-se internacionalmente.

Quadro 13 – Produtos potenciais na exportação ao Oriente Médio

OPORTUNIDADE DE EXPORTAÇÃO AO ORIENTE MÉDIO (PRODUTOS MAIS IMPORTADOS PELA REGIÃO)
Máquinas, aparelhos mecânicos, reatores nucleares, caldeiras; suas partes
Máquinas e equipamentos elétricos e suas partes; gravadores de som e reprodutores, televisores
Pérolas naturais ou cultivadas, pedras e metais preciosos
Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação
Outros veículos de material circulante ferroviário ou elétrico e suas partes e acessórios
Ferro e aço

Fonte: Elaboração própria a partir do TRADEMAP (2018)

Já no âmbito das importações, o Brasil tem explorado os principais produtos que o Oriente Médio oferece no mercado internacional e a princípio não há oportunidades visíveis a serem exploradas por novos negócios e incorporações na

região estudada. As oportunidades de importar do Oriente Médio, produtos que vão além do que a balança comercial brasileira já apresenta, seriam potencializadas em casos isolados com necessidades específicas.

O próximo capítulo destaca as principais conclusões a partir do estudo documental abrangendo o Brasil e o Oriente Médio.

5 CONCLUSÃO

Devido à globalização, a concorrência aumentou de forma sem medidas e procurar inserir-se em mercados ainda não explorados tornou-se a chave para o sucesso entre as companhias que estão estagnadas. Apesar disto, a inserção no mercado interacional demanda estudos aprofundados sobre o mercado com o qual se deseja iniciar negociações, a fim de obter bons resultados e não haver desperdício do tempo empregado em uma operação não planejada. Conhecer a cultura histórica, política e situação econômica da região foco para o início de novos negócios também é essencial neste estudo para que as decisões tomadas durante o processo de planejamento sejam assertivas e uma vez colocadas em prática, gerem resultados lucrativos à companhia.

Identificar uma oportunidade ainda não explorada por concorrentes próximos pode ser um desafio em curto prazo e é por isso que estudos como o que aqui foi apresentado são de alta relevância aos interessados no assunto ou região em questão. Com dados gerais abordando diversos temas de uma região ainda desconhecida por muitas pessoas, este pode ser o gatilho para início de uma nova interação e troca comercial.

Após caracterizar a balança comercial do Oriente Médio com o mercado internacional e apresentar a classificação dos produtos comercializados entre ambos e fazer a mesma análise com a balança comercial do Brasil com o Oriente Médio, foram identificadas algumas lacunas em relação aos produtos exportados pelo Oriente Médio ao mercado internacional e os produtos que o Brasil exporta para a região, que mostrou que apesar do comércio entre os dois serem de produtos básicos, cada um se encaixa em classificações de produtos totalmente diferentes.

Desta forma, a dinâmica e perspectivas dos negócios com o Oriente Médio visando apresentar possíveis oportunidades a serem potencializadas pelo Brasil identificadas neste estudo foram as exportações de produtos em diferentes setores, além dos que hoje já se tem obtido resultados, e principalmente os que ainda não foram explorados, que podem ser potenciais oportunidades para a geração de divisas.

Produtos como aparelhos eletrônicos, maquinários, combustíveis, ferro e aço são altamente demandados pela economia do Oriente Médio e hoje o Brasil não se faz presente no abastecimento da região com esses produtos, concluindo-se que há oportunidades de expansão da balança comercial entre ambos em caso de ser possível a exploração comercial nesse âmbito categórico.

Contudo, o tempo para elaboração das análises e a quantidade de informações a serem coletadas com fonte de dados em maior parte em relatórios internacionais foram limitações para o não aprofundamento adequado do estudo, sendo assim, seria uma sugestão interessante para trabalhos futuros a elaboração de um estudo mais aprofundado sobre as transações comerciais de ambas economias, mencionando acordos comerciais em vigência, relação extra econômica e aprofundamento no tema para que o leitor que se interesse no assunto tenha uma base dados onde possa consultar detalhadamente a situação econômica do comércio exterior entre as duas potências nos dias atuais.

Contudo, as expectativas quanto aos resultados do estudo foram alcançadas e o que se espera de quem o leia é que interprete de maneira a absorver todas as informações e as utilize em seu negócio ou como banco de dados para futuros trabalhos e pesquisas.

REFERÊNCIAS

- AFFAIRS, Israel Ministry Of Foreign. **Israel in Brief**. Disponível em: <<http://mfa.gov.il/MFA/AboutIsrael/Pages/ISRAEL%20IN%20BRIEF.aspx>>. Acesso em: 02 out. 2018.
- ANBA. **Grandes empresas exportadoras mostram caminhos para se chegar aos mercados do Oriente Médio**. 2017. Disponível em: <<https://www.comexdobrasil.com/grandes-empresas-exportadoras-mostram-caminhos-para-se-chegar-aos-mercados-do-orientes-medio/>>. Acesso em: 26 ago. 2017.
- ANBA. **Exportações para o Oriente Médio sobem 12%**. 2017. Disponível em: <<http://www.anba.com.br/noticia/21875818/corrente-comercial/exportacoes-para-o-orientes-medio-crescem-12/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
- ARABIA, The Embassy Of The Kingdom Of Saudi. **About Saudi Arabia**. Disponível em: <<https://www.saudiembassy.net/history>>. Acesso em: 14 set. 2018.
- BARROS, Aidil Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. Fundamentos de Metodologia. 4. ed. São Paulo: Mcgraw-hill Ltda., 1986.
- BCB. **Grau de Abertura ao Comércio Externo: uma análise regional**. 2013. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pec/boletimregional/port/2013/10/br201310b1p.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- CAMPOS, Luís; CANVEZES, Sara. Introdução à globalização. Abril, 2007. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2468/1/Introdu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Globaliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 27, Ago. 2018
- CAREGNATO, R.C.A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. Texto contexto - enferm. Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679- 684, Dec. 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072006000400017&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 25 jun. 2018
- CAVUSGIL, S. Tamer; KNIGHT, Gary; RIESENBERGER, John R.. Negócios Internacionais: estratégia, gestão e novas realidades. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.
- CERVO, Amado Luiz. Inserção internacional: Formação dos conceitos brasileiros. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CIA – CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (USA). **The World Factory Book**. 2012. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sa.html>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

- COOPERATION, United Arab Emirates Ministry Of Foreigns Affairs & International. **About UAE**. Disponível em: <<https://www.mofa.gov.ae/EN/TheMinistry/Pages/About-UAE.aspx>>. Acesso em: 12 out. 2018.
- COMEX STATS (MDIC), **Exportação e Importação Geral**, 2018. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>>. Acesso em: 21 ago 2018.
- ESTATÍSTICAS de Comércio Exterior: MDIC. MDIC. 2018. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-pais?pais=sau>>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- FOSCHETE, Mozart. **Relações Econômicas Internacionais**. São Paulo: Edições Aduaneiras Ltda, 2001.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed São Paulo: Atlas, 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed São Paulo: Ed. Atlas, 1996.
- ITAMARATY. **Cúpula América do Sul-Países Árabes (ASPA)**. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3675&catid=3>. Acesso em: 27 ago. 2017.
- KARNAL, Leandro. **Oriente Médio**. São Paulo: Scipione, 1994.
- KRUGMAN, P.R.; OBSTFELD, M. Economia internacional: teoria e política. Ed 4. São Paulo: Makron Books, 1999.
- MARGARETA DRZENIEK (Geneva). **Top 10 most competitive economies in Middle East, North Africa**. 2016. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2014/09/top-10-competitive-economies-middle-east-north-africa/>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- MICHEL, M.H. Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- MOREIRA, Uallace. Teorias do comércio internacional: um debate sobre a relação entre crescimento econômico e inserção externa. Revista de Economia Política: 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rep/v32n2/v32n2a04.pdf>. Acesso em: 07 ago, 2018.
- OFFICE, State Of Catar Gorvernment Comunnications. **About the state of Qatar**. Disponível em: <<https://www.gco.gov.qa/en/about-qatar/the-government/>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

PATRIOTA, Antonio de Aguiar. **Política Externa Brasileira - Discursos, Artigos e Entrevistas**. São Paulo: Funag, 2016.

PBS.ORG. **What role have natural resources played in the politics and economy of the Middle East?** Disponível em: <<http://www.pbs.org/wgbh/globalconnections/mideast/index.html>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

PWC. **Middle Economy Watch**. Disponível em: <<https://www.pwc.com/m1/en/publications/economy-watch/pdf/middle-east-economy-watch-june-2017.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

RAUSCHER, Michael. **International Trade, Factor Movements, and the Environment**. New York: Oxford University Press Inc., 1997.

ROESCH, S.M.A.; BECKER, G.V.; MELLO, M.I. Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 3. ed São Paulo: Atlas, 2009.

ROGMANS, Tim. Entry Strategies for Middle Eastern Markets. 2013. Disponível em: <<http://www.worldfinancialreview.com/?p=719>>. Acesso em: 10 set. 2017

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Babbista. Metodologia de Pesquisa. 3. ed. São Paulo: Mcgraw-hill Interamericana do Brasil Ltda., 2006.

TRADE MAP, **Trade statistics for international business development, 2018**. Disponível em: <<https://www.trademap.org/Index.aspx>>. Acesso em: 02 set. 2018.

THE GLOBAL COMPETITIVENESS REPORT, 2018. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/GCR2017-2018/05FullReport/TheGlobalCompetitivenessReport2017%E2%80%932018.pdf> >. Acesso em: 10 mai. 2018.

UNITED ARAB EMIRATES MINISTRY OF ECONOMY. **Annual Economic report 2017**. 2017. Disponível em: <http://www.economy.gov.ae/EconomicalReportsEn/MOE%20Annual%20Report%202017_English.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018

